

EXPEDIÇÕES X EXCURSÕES: UMA AÇÃO EDUCATIVA PARA ALÉM DOS MUROS ESCOLARES QUE FAVORECE A CONSTRUÇÃO DE SABERES DOCENTES.

Cinthia Magda Fernandes Ariosi

Eixo 1 - Formação inicial de professores para a educação básica
- Relato de Experiência - Apresentação Oral

Esse texto revisita uma experiência de 2004, vivenciada em um curso de formação de professores. Na ocasião a proposta foi propiciar uma experiência de formação cultural, história, científica e estética que favorecesse a superação do conceito de aula como união de espaço e tempo, no qual os alunos recebem do professor os conhecimentos necessários para a vida em sociedade. A escola é concebida como a “morada do saber” e nesta perspectiva a sociedade valoriza o saber produzido em seu interior, entretanto há uma inquietação presente no dia-a-dia destas instituições, como garantir que esse saber chegue efetivamente aos alunos? Que metodologia utilizar para fazê-los perceber todo o conhecimento disponível na escola e no seu entorno? Para responder a estas questões foi proposto o projeto expedições investigantes aos alunos do CEFAM “Profª Lourdes de Araújo” - Bauru/SP, que tinha como objetivo principal integrar de forma coerente, no processo de ensino e aprendizagem, a riqueza da chamada educação assistemática e extra – escolar, produzida nos diferentes espaços pelos quais transitamos. Participaram da experiência 180 adolescentes do curso de formação de professores em nível médio. O Projeto Expedições Investigantes é uma proposta de metodologia pautada no conceito de experiência (Bondía, 2002). Inovar a prática pedagógica pode significar pular os muros da escola e construir conhecimento na rua, garantir uma aprendizagem significativa e que envolva todos os alunos. Palavras-chave: Expedição. Metodologia. Formação de Professores.

EXPEDIÇÕES X EXCURSÕES: UMA AÇÃO EDUCATIVA PARA ALÉM DOS MUROS ESCOLARES QUE FAVORECE A CONSTRUÇÃO DE SABERES DOCENTES.

Cinthia Magda Fernandes Ariosi. Unesp, FCT- Presidente Prudente;
Ednéia Soares de Souza Oliveira. Unesco

A escola e sua muralha

A escola orientou-se e orienta-se por diferentes concepções de currículo, segundo Garcia e Alves (2001). Uma concepção pautada na visão que separa os conteúdos pedagógicos dos conteúdos de vida, definindo que na escola só entram os ditos conteúdos pedagógicos escolhidos pelas autoridades competentes. Outra visão de organização do currículo é a organização dos conteúdos em grupos, conforme o interesse dos grupos existentes na sociedade. Uma terceira concepção de currículo é a hierarquização dos conteúdos por graus de dificuldade, que segundo os educadores respeitam o desenvolvimento cognitivo dos alunos, estabelecendo uma seqüência por ordem de importância dos saberes que a escola deve trabalhar. E finalmente, a última concepção é a centralização dos conteúdos realizado por meio de determinados processos sociais de controle que conduzem a esse processo, seguindo uma tendência de globalização presente na sociedade atual, por exemplo: PCN's, RCNEI's, Diretrizes curriculares, entre outras.

O currículo tem história recente. Ainda que seja um termo utilizado desde a antiguidade clássica, como é hoje entendido, o currículo começou a fazer história apenas nas últimas décadas. Se por algum tempo (até a década de 1960) as questões curriculares estiveram desconectadas dos problemas sociais, a partir de então, com a Nova Sociologia Educacional, começando pela Grã-Bretanha, pela França, este enfoque, o sociológico, se espalhou pelo mundo todo, chegando ao Brasil pelo fim da década de 1980. (BERTICELLI, 2005, p. 175)

Estas diferentes visões de currículos estão presentes na história da educação do Brasil e permanecem presentes na atualidade da escola, pois

Além de examinar o currículo como instrumento prescritivo utilizado ao longo do tempo, buscou-se situá-lo no contexto social, quando extrapola a âmbito fechado do sujeito para inserir-se na memória coletiva como expressão política e ideológica mais complexa e plural. Busca-se entender como este fenômeno aconteceu no Brasil, no decurso do tempo, destacando as tendências principais para, finalmente, fazer uma abordagem das mais recentes tendências de entender o currículo à luz dos Estudos Culturais, em que as diferenças produzem situações,

entendimentos, resultados, ações, tratamentos, significados, coisas e estados de coisas diferentes que devem e necessitam ser levadas em conta por todas as pessoas em geral e pelos educadores em particular. Afinal, a questão do currículo é a questão central que diz respeito àquilo que a escola faz e para quem faz ou deixa de fazer. (BERTICELLI, 2005, p. 175)

É nesse contexto de reflexão sobre o currículo que a metodologia das expedições foi desenvolvida, uma vez que a escola é uma instituição que deve favorecer a transmissão e construção do conhecimento, porém precisa reconhecer que o conhecimento está presente também no seu entorno, nos espaços nos quais seus alunos transitam e vivem.

A escola precisa fazer mais do que abrir-se, precisa sair para “contaminar-se” com o conhecimento, a vida, a cultura e o tempo de cada pessoa que vive na comunidade, na sociedade, na qual a escola está inserida.

Educar não se limita a repassar informações ou mostrar apenas um caminho, aquele caminho que o professor considera o mais correto, mas é ajudar a pessoa a tomar consciência de si mesmo, dos outros e da sociedade. É aceitar-se como pessoa e saber aceitar os outros. É oferecer várias ferramentas para que a pessoa possa escolher entre muitos caminhos, aquele que for compatível com seus valores, sua visão de mundo e com as circunstâncias adversas que cada um irá encontrar. (Rojas, 2002, p. 478)

Neste contexto o território é uma possibilidade viável para inovar a escola, pois permitem o contato com linguagens múltiplas, podendo ser lido sensorialmente e cognitivamente e estando abertos à aprendizagens e à socialização infantil. Assim, apresenta-se como uma referência o conceito de mediação apresentado por Martins (2005, p. 44)

A mediação, mais do que estar entre uma pessoa e um objeto, talvez seja estar entre possibilidades de encontros, com qualidade e intensidade, para ampliar conexões possíveis e uma interação especial afetando tanto o aluno-aprendiz quanto o educador. [...]

A própria autora completa que mediação é, ainda, ampliação de conhecimento, ir de encontro ao repertório cultural e aos interesses do outro, conectar conteúdos e interesses, ir além dos conteúdos, aproximar, reflexão, experiência, diálogo, provocação, atitude do professor, e enfim é, compartilhar. Desta forma, a ação mediadora pode promover a vontade de superação sobre o já conhecido pelo observador e um novo estranhamento.

É exatamente neste ponto que evoca-se o conceito de experiência proposto por Bondía (2002, p. 21) no qual afirma que experiência é “o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”. Considerando que informação não é experiência, pois

a informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma antiexperiência. [...]A primeira coisa que gostaria de dizer sobre a experiência é que é necessário separá-la da informação. E o que gostaria de dizer sobre o saber de experiência é que é necessário separá-lo de saber coisas, tal como se sabe quando se tem informação sobre as coisas, quando se está informado. (BONDÍA, 2002, p. 21-22)

Por esse motivo o sujeito da experiência não é o sujeito da informação, da opinião, do trabalho, do saber, do julgar, do fazer, do poder, do querer, mas “é sobretudo um espaço onde têm lugar os acontecimentos” (BONDÍA, 2002, p. 24).

[...]o sujeito da experiência seria algo como um território de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos. (BONDÍA, 2002, p. 24).

Para além do conceito de experiência proposto por Bondía (2002) o conceito de conhecimento também é evado nessa discussão, pois o conhecimento é fruto da complexidade das relações que os indivíduos realizam entre si e com o meio. Nesta perspectiva conceber o conhecimento como algo exclusivo dos bancos escolares é reduzi-lo e a papel da escola é ampliar a visão de mundo dos alunos. Para que isso aconteça é fundamental que o processo escolar tenha um carácter emancipador do sujeito, portanto é necessário que o educando possa interagir com a cultura que é produzida em diferentes meios sociais, sem recorta-la e traze-la para dentro das muralhas escolares. Quando a escola recorta a realidade e traz para seu interior para que se transforme em um saber escolar e seja objeto do processo ensino. E os alunos aprendem um conhecimento fragmentado e míope.

A angustia dos professores é o como garantir realmente a efetiva aprendizagem originada na necessidade de aplicar a cultura trabalhada no interior da escola na vida cotidiana das crianças e conseqüentemente na vida adulta e, ao mesmo tempo, garantir a incorporação pela comunidade escolar das experiências vivenciais e culturais do território no qual à escola está inserida.

É a partir deste anseio que o Projeto Expedições Investigantes buscou construir uma metodologia que possibilitasse aos alunos a leitura de diferentes espaços, tempos e culturas reconhecendo os sentimentos e sensações produzidas durante as expedições e partir destes construindo seu próprio conhecimento.

Assim, o presente projeto visava educar o olhar dos alunos para as realidades que estão presentes no mundo circundante. Criando nos educandos o desejo de explorar as realidades como possibilidades de construção de conhecimento, com intencionalidade de estabelecer um espaço de crescimento, de aprendizado, de saber. Como afirma Meirieu (1998, p. 92)

o desejo nasce assim do reconhecimento de um espaço para investir, de um lugar e de um tempo para estar, crescer, aprender. Ele não se engrena necessariamente de maneira mecânica em um desejo já existente, articula-se antes a um mistério que é preciso ser elucidado e ao qual o sujeito se sente em condições, ainda que tímida ou mediocrementemente, de trazer um pouco de luz.

Ao professor cabe

apoiar-se naquilo que os alunos sabem e sabem fazer e sugerir, a partir daí, o que poderiam saber. Criar o enigma com o saber; criar o saber com o enigma. Entrever o futuro questionando o já existente, construir o futuro apoiando-se no já existente. Na verdade, isso não é senão uma *situação-problema*: um conjunto de dados que dominamos – o que sabemos – e uma situação que, por outro lado, cria problema – o que não sabemos – um jogo de presença/ ausência, de conhecimento/ ignorância, que gera uma aspiração, suscita um desejo. (MEIRIEU, 1998, p. 92)

Diante do exposto o projeto *Expedições Investigantes* aspirou criar o desejo e a satisfação de aprender, de uma forma significativa e pautada em situações – problemas. Permitindo ao aluno levantar problemas, questionamentos e enigmas e retornarem ao espaço escolar poderem produzir conhecimentos. O projeto também tinha como objeto trabalhar numa perspectiva democrática e participativa.

Trabalhando alguns conceitos

Para que a proposta seja bem entendida é necessário pontuar alguns conceitos que serviram de referência durante todo o trabalho desenvolvido.

O primeiro conceito importante é aprendizagem e para significar esta idéia dentro do presente trabalho segue uma citação de Meirieu (1998, p. 80)

[...] aprendizagem põe frente a frente, em uma interação que nunca é uma simples circulação de informações, um sujeito e o mundo, um aprendiz que já sabe sempre alguma coisa e um saber que só existe por que é reconstruído. Não há mais o sujeito – em – si, página virgem ou cera mole, totalmente disponível às solicitações externas, assim como também não há saber - em – si, entidade perfeitamente arquitetada que deveria estar fora do alcance das malversações pedagógicas; e, se a mais jovem das crianças só aprende integrando o novo ao antigo e através dele que dessa forma é transformando, cada velho que morre é então uma biblioteca que queima [...] Mas, nesta aventura, os dois parceiros nunca estão realmente sós e suas relações são sempre mediadas pela realidade que é o meio adulto, pelo desejo daquele que ama, pela competência daquele que sabe, pelo poder daquele que organiza: há sempre dissimulado, por trás dos “objetos para aprender” – como o livro, o filme ou o programa de informática – bem como por trás dos objetos mais banais e mais cotidianos – a casa, o vestuário, a televisão [...] -, um “formador”, ou seja, alguém que deliberada ou inconscientemente, cria

estímulos, propõe experiências que o sujeito poderá tratar, integrar ou, ao contrário, às quais ficará estranho.

Assim, aprendizagem é a assimilação do conhecimento que como já foi mencionado acima é produto das relações que os indivíduos estabelecem entre si e com o meio no qual está inserido.

Outro conceito importante é o conceito de participação, que não é um simples ato de decidir entre algumas opções dadas, mas entendemos participação como a elaboração de propostas, pautada num amplo processo de discussão entre os pares e seus professores, é o que Ariosi (2004) define como participação qualificada. No projeto, em tela, todo o processo desde a elaboração do roteiro da viagem até a realização das atividades no calçadão de Bauru, foi discutido e resolvido em grupo, sempre considerando as determinações externas como horários para agendamento de visitas, valores de ingresso as atividades, etc

Outro conceito importante é o território que comporta todo um repertório cultural bastante diversificado, considerando que o contexto vivo e vivido educa mais que um texto, que palavras, pois são contextos significativos, que segundo Carbonell (2002) oferecem uma cultura vital e cenários reais. O território é comparado pelo autor como um livro aberto, que permite a penetração

[...] nos lugares onde habitam, se relacionam, trabalham, se realizam e se divertem os seres humanos: um mundo diverso e contraditório cheio de rituais, símbolos, costumes, memória, sofrimento e esperança; o mundo do trabalho e do consumo – o agrícola e o industrial-, o desemprego e a ocupação temporal, o mundo artesanal que vai se extinguindo e o das grandes superfícies comerciais que conformam novas formas uniformes de vida, o dos múltiplos serviços, o dos grêmios, sindicatos e cooperativas; e o mundo da cultura: arte, música, cinema, teatro [...]. (CARBONELL, 2002, p. 103)

O território apresenta linguagens múltiplas podendo “*ser lido sensorialmente e cognitivamente, a partir das inteligências múltiplas, e que ativa as diversas dimensões da educação integral. Definitivamente, um espaço de espaços abertos à aprendizagem e à socialização infantil*” (CARBONELL, 2002, p. 103). Nesta perspectiva explorar o território é trabalhar com as inteligências múltiplas e ainda possibilitar a inclusão de todos os alunos no processo.

A experiência vivida

O trabalho teve início no planejamento anual que ocorreu em Fevereiro, com a solicitação de autorização da direção da escola e colocação da proposta no plano anual da escola, mas tomou formato em Março quando as discussões com os alunos começaram. Primeiramente foi realizado com os alunos um processo de sensibilização,

explicitando os benefícios de realizar atividades externas ao ambiente escolar, a importância e as possibilidades desta metodologia para a formação integral dos alunos, em especialmente deles, futuros professores. Foi necessário trabalhar a dimensão social do conhecimento para romper com o paradigma da cultura escolar, que define a escola como o espaço exclusivo do saber. E ainda conscientiza-los sobre as possibilidades de construção de conhecimentos através de uma viagem, ou um simples passeio no calçadão.

No mês de março a maio um amplo processo de discussão foi realizado com os alunos, para definição do roteiro, organização dos ônibus, divisão dos grupos para atividades no campus da USP e arrecadação dos valores para custeio da atividade entre os alunos. As estratégias foram discussões em sala de aula sala por sala, reuniões com todos os alunos e com os pais ou responsáveis, distribuição das listas de tarefas para os líderes de sala e discussões entre os alunos sem a participação dos professores, das quais resultaram os critérios para organização das listas para lotação dos ônibus e divisão dos grupos de trabalho na USP.

Foi organizado um espaço de informações e discussões na parede no corredor da escola, neste local eram colocadas as decisões do grupo, foi interessante, pois na semana que antecedeu a viagem foram colocadas na parede as listas dos ônibus e entre os próprios alunos, eles conversavam e trocavam de ônibus.

O projeto expedições foi dividido em dois momentos uma viagem a São Paulo e uma atividade no calçadão de Bauru, ambas em 2004, com os alunos do curso de formação inicial de professores do CEFAM¹ – Bauru/SP.

A primeira expedição investigante do projeto foi realizada na cidade de São Paulo que neste ano (2004) completa 450 anos de fundação e esta propondo uma farta programação cultural, com objetivo de relatar a trajetória histórica da maior cidade de nosso país. A viagem aconteceu no dia 25 de maio, foi organizada pelos professores, porém com a participação direta dos alunos no planejamento, na excursão e na avaliação através de discussões que geravam decisões coletivas. Esta atividade foi proposta aos alunos do 3º e 4º anos do curso de magistério e a adesão foi de 98% dos alunos da escola, aproximadamente 180 adolescente e jovens de 17 à 20 anos de idade, divididos em 4 ônibus. O roteiro da expedição foi dividido em 3 períodos, um período de cunho científico acadêmico no campus da USP; um enfocando o aspecto histórico cultural da cidade e finalmente um momento de lazer.

Na primeira etapa da viagem os alunos foram divididos em 4 grupos, identificados por cores, para atender a capacidade dos ambientes que foram visitados. Todos os grupos visitaram o Museu de arte contemporânea (MAC) e o laboratório de brinquedos pedagógicos (Labrimp) da Faculdade de Educação da USP². O Instituto Butantan³ e o

Museu de Arquiologia e Etnologia (MAE) foram visitados por 2 grupos, de 45 alunos cada. Os roteiros foram organizados pelos professores com base nos agendamentos e nas discussões promovidas em sala de aula com os alunos. Na segunda etapa da expedição o grupo conheceu o Mercado Municipal na Rua da Cantareira e a região do comércio popular da Rua 25 de março, havia a intenção de caminhar até a Catedral da Sé, passando pelo Pátio do Colégio, onde foi fundada a cidade de São Paulo, porém devido a movimentação intensa nas ruas de São Paulo e o deslumbramento de alguns alunos com as mercadorias em exposição nas lojas de região da Rua 25 de março, o grupo de professores e responsáveis, juntamente com a maioria dos alunos achou por bem não cruzar a rua 25 de Março e retornar ao Mercado Municipal, suprimindo a caminhada até a Catedral da Sé. Atitude avaliada pelo grupo ao retornar a escola como a atitude mais prudente, sensata e segura. Na terceira etapa da viagem o grupo visitou o Shopping Center Norte, para passeio e alimentação.

A segunda expedição investigante ocorreu no calçadão da cidade de Bauru, no mês de outubro. Os alunos receberam um material denominado “coleta sensorial e cultural” com tarefas para serem realizadas durante o passeio no calçadão. Estas atividades solicitavam dos alunos que observassem as fachadas das lojas, conversassem com os trabalhadores dos estabelecimentos do calçadão, também com os agentes da economia informal presente no ambiente, com transeuntes, etc. O Material apresentava fotos fragmentadas, problemas para serem resolvidos e questões para serem respondidas, abordando aspectos sociais, arquitetônicos, históricos, econômicos, culturais e políticos do espaço, possibilitando a construção do tempo presente a partir do tempo passado. A expedição teve início na praça Machado de Mello e terminou na praça Rui Barbosa, com uma extensão de 9 quarteirões, numa manhã chuvosa e fria de outubro. A expedição foi encerrada com uma visita investigativa ao Museu Municipal de Bauru.

Como um dos momentos avaliativos da metodologia proposta foi realizado um café da manhã, com uma conversa preliminar de avaliação da viagem a São Paulo. A grande maioria dos alunos pontuou que durante os preparativos da excursão sentiram-se perdidos e que acharam que o grupo de professores organizadores era desorganizado, porém ao final da viagem perceberam que isso não era verdade, mas que participar dá trabalho. E na totalidade dos alunos considerou a atividade produtiva e importante para sua formação.

Quanto a etapa da expedição ao calçadão havia uma ficha de coleta sensorial que deveria ser preenchida a medida que a expedição era realizada, neste material a totalidade dos alunos iniciaram a expedição considerando a atividade inadequada e desnecessária, ao longo do percurso esta sensação modificou-se radicalmente. Na visita

ao Museu os alunos estavam aquecidos e perguntaram muito ao monitor sobre os fatos históricos ocorridos na região do calçadão, pediram fotos das fachadas antigas e compararam com as fachadas atuais. Após a visita, ainda nas escadarias do Museu os alunos eram um misto de curiosidade, satisfação e alegria. E na ficha de coleta sensorial as sensações foram alegria, satisfação, curiosidade, percepção do desconhecimento sobre a história da cidade e muitos agradeceram a oportunidade. Vários alunos relataram que não queriam participar, mas que no final valeu a pena.

Considerações Finais

Este trabalho mostrou que a metodologia pautada na investigação de territórios extra - muros escolares também pode configurar atividade de ensino – aprendizagem significativa e eficaz. Porém acabe salientar que o processo de participação é tumultuado e gera um sentimento de desorganização, pois o discurso da escola é pautado na organização, na ausência de movimento e no silêncio, ainda os alunos estão habituados a receber as propostas educativas prontas de seus mestres, romper com a visão da passividade discente é um desafio. Conceber o aluno como sujeito do processo ensino – aprendizagem é dar voz a ele, é oportunizar ações das quais ele planeje, execute e avalie.

A metodologia proposta possibilita a inclusão de todos os alunos no processo, pois o território oferece múltiplas linguagens e todos os alunos são afetados e envolvidos. Sentem-se incluídos e sujeitos do processo. A partir destas experiências muitos conteúdos virão a tona e poderão ser trabalhados, ampliando os horizontes dos educandos. E assim a escola cumpre seu papel.

Referências Bibliográficas

ALVES, N. GARCIA, R.L. Atravessando fronteiras e descobrindo (mais uma vez) a complexidade do mundo. In: ALVES, N. GARCIA, R.L. (org.) O sentido da Escola. 3.ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2001. p. 81-110

ARIOSI, C.M.F. Cooperativa Educacional Multidisciplinar de Bauru – Ensinativa: uma possibilidade de democratização das relações de trabalho e da gestão. Marília: 2004. 163 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Unesp, Marília, 2004.

BICUDO, M. A.V. *Construção do conhecimento e construção da realidade*. In: BICUDO, M. A.V.; BELLUZZO, R.C.B. (Org.) Formação Humana e Educação. Bauru, SP: EDUSC, 2002. p. 317-326

CARBONELL, J. *A aventura de inovar: A mudança na escola*. Porto Alegre: Art Méd, 2002. (V. 1)

GALO, S. Transversalidade e educação: Pensando uma educação não disciplinar. In: ALVES, N. GARCIA, R.L. (org.) O sentido da Escola. 3.ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2001. p. 17-41.

MEIRIEU, P. *Aprender ... Sim, mas como?* 7.ed. Porto Alegre: Art Méd, 1998.

ROJAS, J. Livro de pano: uma pedagogia do afeto na escola. In: BICUDO, M. A.V.; BELLUZZO, R.C.B. (org.) Formação Humana e Educação. Bauru, SP: EDUSC, 2002. p. 477-485.

Notas

1. Centro Específico de Formação e Aperfeiçoamento de Professores, ligado a rede estadual de ensino.
2. Universidade de São Paulo.
3. Centro de referência na produção de vacinas e soros. Especializado no tratamento e profilaxia de acidentes com animais peçonhentos.